

Em nome do pai: gênero, família e etnicidade nos depoimentos de descendentes
de libertos (Brasil, 1888-1940)

GEN

Gênero. Poder e Imagem na longa duração - Brazil (1750-1950)

Hebe Maria Mattos de Castro

Professora Adjunta
Universidade Federal Fluminense

paper preparado para ser apresentado no XX Congresso Internacional da LASA (Latin
American Studies Association) a ser realizado no Continental Plaza Hotel, Guadalajara,
Mexico, 17-19 de abril de 1997

Adair Gonçalves Barbosa nasceu em 1912. Diz-se bisneto de escravos "por parte de pai e por parte de mãe". Seus avós não foram escravos, pois - segundo ele - "dessa época prá cá parece que já o sistema de vida era otro pro filho dos escravos...". Segundo seu depoimento, colhido e publicado por Agostinho Della Vecchia, nasceu em Canguçu, Rio Grande do Sul, "na casa do seu pai e da sua mãe", no terreno que "era da sua avó". Tinham criação e culturas. Seu pai "pagou" para que ele aprendesse a ler e escrever em casa. A professora particular foi uma "prima", chamada "Tia Eloá". Saiu do sítio dos pais aos 25 anos. Trabalhou por toda a vida como operário dos Frigoríficos Anglo. Em 1990, casado e aposentado, vivia em Saint Hilaire, periferia de Pelotas, em uma pequena casa de sua propriedade¹.

Izaquiel Inacio tinha 72 anos à época da entrevista concedida a Ana Maria Rios, em 1995. Nasceu na Fazenda Sossego, em Paraíba do Sul, estado do Rio de Janeiro, onde - segundo seu depoimento - foi escravo o seu avô, "por parte de pai", chamado Telemos Inacio (que falava uma língua estranha sempre que não queria ser entendido). Também seu pai - "já nascido livre", teria morado na Fazenda do Sossego, antes e depois do fim do cativeiro. Sua avó paterna chamava-se "Glacina Telemos Inacio". Izaquiel foi lavrador em Paraíba do Sul por toda sua vida. Tem um irmão de 90 anos aposentado como operário da Light, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Segundo seu depoimento, Seu Izaquiel mantém contato também com os netos e bisnetos do primeiro casamento do seu pai, realizado ainda no "tempo do cativeiro", moradores na cidade do Rio de Janeiro².

José Veloso Sobrinho nasceu em 1916 na cidade do Cunha - SP. Diz-se neto de avó escrava com avô português, por parte de mãe e de pai. Segundo seu depoimento, sua avó paterna era africana do Congo. Seu pai, filho de uma cativa brasileira com um jornalista português de nome Veloso, não teria chegado a ser escravo, "tinha papel". Seu pai foi tropeiro e depois lavrador em terras próprias. Cresceu "tocando lavoura" com seus 10 irmãos nas terras do seu pai. Tem o primeiro grau completo. À época da entrevista concedida ao projeto "memória da escravidão em famílias negras de São Paulo" (1988), ainda tocava lavoura com os filhos e era dono de uma pastelaria na cidade. Quatro dos seus 12 filhos cursaram faculdade e os outros terminaram pelo menos o primeiro grau³.

Paulo Vicente Machado nasceu em 1910, filho do caçula de Vicente Machado, ex-cativo na "Fazenda da Presa", em Alegre, no Espírito Santo. Cresceu "tocando lavoura" com seus pais e seus irmãos, em regime de parceria, na mesma fazenda em que seu pai havia sido escravo. Sua mãe não chegou a ser cativa, pois - segundo seu depoimento a Robson Martins- nascera "de ventre livre". Seu pai se tornou, posteriormente, pequeno proprietário de um sítio de café em Vala de Souza, também no Espírito Santo. Após seu casamento com a filha de um sitiante vizinho, Paulo Vicente Machado se tornou operário na Estrada de Ferro Leopoldina. Como operário da Leopoldina morou em várias cidades de Minas Gerais, até fixar-se em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, onde vive hoje como aposentado⁴.

¹Cf. VECCHIA, Agostinho Mario Dalla Vecchia. Os filhos da Escravidão. Memórias de descendentes de escravos da região meridional do Rio Grande do Sul. Pelotas, Editora Universitária UFPEL, 1993. Volume 2, pp. 2 -16.

²Cf. Izaquiel Inacio (entrevista). Niterói, LABHOI - UFF. Entrevista realizada no âmbito de pesquisa para tese de doutoramento em História na *University of Minnesota* de Ana Maria Lugão Rios (em curso).

³Cf. José Veloso Sobrinho (entrevista). *Memória da Escravidão em famílias negras de São Paulo*. Centro de Apoio à Pesquisa em História - Sérgio Buarque de Holanda. São paulo, FFLCH-USP.

⁴Cf. Paulo Vicente Machado (entrevista). Niterói. LABHOI - UFF. Entrevista realizada no âmbito de pesquisa para dissertação de mestrado em História Social do Trabalho na UNICAMP desenvolvida por Robson Martins.

Estes são pequenos resumos dos depoimentos de quatro homens que se identificam como negros e descendentes de escravos, que viveram (pelo menos) a infância tocando lavoura com a família. Seus depoimentos rememoram com nitidez pai e mãe, avô e avó, bem como traçam com facilidade suas genealogias até o cativo. Produzem, assim, uma representação sobre o cativo na qual se destacam o papel central da família escrava, o impacto simbólico da lei do ventre livre e da alforria na experiência dessas famílias e, especialmente, o papel central da abolição como divisor de águas da história familiar.

A relevância histórica ou social da reunião destes depoimentos não se encontra, entretanto, numa possível configuração de histórias "típicas", mas, antes, na identificação de um discurso possível sobre a memória do cativo, fortemente marcado por algumas identidades sociais historicamente construídas.

Em cada um dos depoimentos resumidos há a marca da etnicidade. Trata-se, antes de tudo, da fala de alguém que se identifica como "negro". Negro - nestes casos - porque descendente de escravos que conquistaram a liberdade e passaram, desde então, a celebrar - em família- esta memória (seja da carta de alforria, do ventre livre ou da abolição).

Há também de maneira nítida, em todos os quatro depoimentos, uma identidade social de classe, isto é, referenciada a uma determinada posição e situação no mundo do trabalho. Trata-se, em todos os casos, de uma memória "camponesa". Fala de quem coloca em destaque ao rememorar o tempo da infância o caráter autônomo do trabalho de "tocar lavoura" com a família, especialmente no que se refere ao gerenciamento do trabalho familiar, mesmo que através de relações de parceria ou do trabalho por empreitada. Em dois dos quatro casos, entretanto, a compra de um pedaço de terra pelo pai, rompendo a polarização autonomia/subordinação a favor da autonomia, aparece na narrativa como coroamento da trajetória familiar após a abolição da escravidão.

São também discursos marcados por uma identidade de gênero. Em todos os casos não é absolutamente indiferente que seja um homem - e não uma mulher - quem nos fala. Estes depoentes recusam, de maneira enfática e bastante própria, em suas histórias individuais e familiares, a marca da vitimização que frequentemente acompanha as representações sobre "o tempo do cativo", sem que para isto incorporem a seus discursos qualquer traço de rebeldia explícita. Esta recusa (comum também a depoimentos femininos) se faz, entretanto, nestes casos, intimamente associada à construção paralela de uma imagem masculina que provê e protege a família, mesmo quando reduzida ao cativo, com a qual os depoentes se identificam. Nestes depoimentos, a violência que se reconhece indissociável do cativo é referida antes de tudo ao escravo, enquanto categoria genérica. Suas histórias e a de suas famílias são traçadas, em oposição, como histórias de sucesso, possibilitadas pela ação viril da figura paterna - que quando sujeita a escravidão o era em situação especial e privilegiada - , de forma que na escravidão e na liberdade e, especialmente, neste trânsito, cuidava do trabalho e dos destinos familiares.

Estes mesmos depoimentos são, entretanto, fruto de experiências de História Oral bastante diferenciadas em objetivos, embasamento teórico e metodologia.

Dois deles (Paulo Vicente e Izaquiel Inácio) são entrevistas depositadas no acervo "Memória do Cativo" que, desde 1994, venho coordenando, no Laboratório de História

Oral e Iconografia do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Este acervo se constituiu propondo-se a receber e arquivar de forma apropriada entrevistas produzidas em projetos individuais de História Oral sobre a experiência de afro-brasileiros portadores de uma memória familiar da escravidão. Para tanto, o LABHOI oferece apoio técnico e orientação metodológica aos pesquisadores, de forma a garantir condições para o arquivamento e socialização do material produzido. De junho de 1994 até julho de 1995, o desenvolvimento do acervo foi parcialmente financiado pela Fundação Ford através do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (fitas cassetes, passagens e estadias para os pesquisadores).

Este acervo se constitui atualmente da reprodução das fitas e dos cadernos de campo de duas pesquisas acadêmicas. Tratam-se da pesquisa de mestrado de Robson Luís Machado Martins (Universidade de Campinas), desenvolvida em uma comunidade rural do Estado do Espírito Santo (município de Alegre), formada por descendentes de antigos escravos da região, e da pesquisa de doutoramento de Ana Maria Lugão Rios (University of Minnesota), sobre a história da experiência familiar dos afro-brasileiros nas antigas áreas escravistas do Rio de Janeiro e de Minas Gerais produtoras de café (especialmente Paraíba do Sul - RJ), após a abolição. Ana trabalhou com um roteiro basicamente genealógico e Robson com uma entrevista livre, de tipo biográfico, com ênfase na infância e na convivência com pais e avós.

Este acervo conta com cerca de 60 horas de gravação em 29 depoimentos. Entrevistados e pesquisadores autorizaram o arquivamento do material no *Laboratório*, bem como sua abertura ao público em geral após a conclusão de suas respectivas teses. Izaquiel Inácio e Paulo Vicente estão entre eles

Esta não é uma experiência pioneira. Maria de Lourdes Janoti e Sueli Robles R. de Queiroz coordenaram projeto semelhante em São Paulo, 1988, intitulado *Memória da Escravidão em famílias negras de São Paulo*. Transcrições das entrevistas realizadas, analisadas em mais de uma dissertação de mestrado, encontram-se arquivadas no *Centro de Apoio à Pesquisa em História - Sérgio Buarque de Holanda (FFLCH_USP)*, caixas 1 a 16. São ao todo 44 famílias entrevistadas. As entrevistas, via de regra, foram feitas com três pessoas de diferentes gerações de cada uma das famílias. Ali, eu pude localizar a transcrição da entrevista de José Veloso Sobrinho, resumida acima. Retrabalhando o acervo oral assim formado, considereei para esta análise as entrevistas relativas à primeira geração das famílias entrevistadas, quando residentes a época da infância nas áreas rurais do Estado de São Paulo, num total de 32 entrevistas.

Também no Rio Grande do Sul, Agostinho Mario Dalla Vecchia produziu uma tese e dois volumes de transcrição de 32 depoimentos com descendentes de ex-escravos. Adair Gonçalves Barbosa está entre eles.

A partir de iniciativas como estas, talvez tardiamente constituem-se no Brasil acervos potencialmente capazes de embasar uma abordagem histórica da inserção social do liberto após a abolição da escravidão. Foi com este objetivo mais genérico que me propus a retrabalhar os 93 depoimentos de filhos de camponeses negros nascidos nas primeiras décadas deste século, que a releitura destes quatro acervos de entrevistas me permitiram reunir.

O levantamento extensivo deste tipo de relato colocou-me, entretanto, frente a frente não apenas com o discurso daqueles que, nascidos no meio rural do centro-sul do país em

princípios deste século, reconheciam-se como descendente de ex-escravos, mas também com o tipo de questão que os entrevistadores lhes formularam, impondo-me desafios teóricos, metodológicos e éticos.

Uma primeira leitura daquelas 93 entrevistas rapidamente colocou em evidência que elas ensejavam, primeiramente, uma reflexão sobre a historicidade das disputas simbólicas em torno das designações raciais no Brasil e de suas relações com os processos de definição de identidades sociais e com a memória do cativo. Afinal, à exceção das entrevistas do Espírito Santo, concentradas em uma comunidade que atualmente se identifica como de descendente de ex-escravos da região, os demais projetos procuraram esta memória em famílias negras. Ou seja, o fato da família identificar-se como “negra” deveria implicar também em uma memória familiar da escravidão. Em cerca de 30% dos casos, entretanto, esta memória familiar não existia. Em alguns casos isolados era explicitamente negada pela afirmação de que seus pais ou avós haviam sido senhores de escravos. Mesmo nos depoimentos do Espírito Santo e de alguns dos entrevistados por Ana Rios em comunidades negras de Minas Gerais, que têm seu mito de origem na abolição da escravidão, uma memória específica da experiência do cativo, do ponto de vista da história familiar, nem sempre existia. 34,3% das entrevistas gaúchas, 35,7% das entrevistas fluminenses/mineiras, 33,3% das entrevistas do espírito Santo e 18,7% das entrevistas rurais com a primeira geração de entrevistados de São Paulo não se referem a uma memória familiar do cativo.

Já há algum tempo a antropologia e a história social têm colocado em evidência o sentido político de toda noção de pertencimento étnico e de identidade social. Desta perspectiva teórica, diversos trabalhos têm apontado para a extrema politização e plasticidade destas fronteiras no que se refere às designações raciais no Brasil⁵.

Uma tese de doutorado defendida na França sob a direção de Philippe Joutard (MONTEIRO, 1993), ao trabalhar depoimentos orais de diferentes gerações de famílias da comunidade de pescadores de Itapuã, em Salvador-Bahia, permite ilustrar empiricamente este ponto. As gerações mais velhas dos itapoãzeiros entrevistados tenderam a negar em seus depoimentos qualquer ascendência escrava em suas famílias (por diversas vezes afirmando terem seus antepassados sido senhores de escravos, o que em alguns casos foi empiricamente confirmado), ao mesmo tempo em que buscaram, do ponto de vista genérico, uma vinculação à ascendência indígena ao se definirem como caboclos. Já as novas gerações quando entrevistadas, frequentemente se identificam como negros e afro-bahianos, buscando

⁵ Cf, entre outros, Peter Fry, “O que a Cinderela negra tem a dizer sobre a ‘política racial’ no Brasil”. Revista USP 28 (dez-fev 1995/96); Yvonne Maggie. “‘Aqueles a Quem foi Negada a Cor do Dia’: As Categorias Cor e Raça na Cultura Brasileira”. IN: MAIO/SANTOS (org). Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 1996; Robin E. Sheriff. “‘Negro é um apelido que os brancos deram aos pretos’: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca”, IFSS/UFRJ, 1995 (mimeo); CASTRO, Hebe Maria Mattos de. Das Cores do Silêncio: significados da liberdade no sudeste escravista. Brasil, século XIX. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995; Tania Penido Monteiro, “La voix d’Itapuã: images du passé et vision du changement. Ethnotextes d’un réseau de culture populaire dans l’Etat de Bahia, Brésil”. Thèse de Doctorat d’Histoire (nouveau régime) sous la Direction de M. le Professeur Philippe Joutard. Université de Provence Aix-Marseille I, mars 1993.

construir, do ponto de vista genérico, um vínculo de origem na tradição de resistência e rebeldia escrava da Bahia⁶.

A tese de Tania Penido foi também inspiração do ponto de vista metodológico. Tânia trabalha, conforme modelo desenvolvido por pesquisadores franceses, analisando os acervos resultantes do trabalho de história oral como etnotextos⁷. Este paper consiste, de fato, numa primeira exploração das possibilidades deste tipo de análise sobre as 93 entrevistas acima referidas.

Se tomamos o caso de Itapuã como referência, é a alta proporção da existência de uma memória familiar específica da experiência do cativo nos depoimentos aqui considerados que deve ser inicialmente explicada e não o contrário. O fato de se estar trabalhando com áreas rurais do centro sul do país dominadas pela grande propriedade e dependentes do trabalho escravo até as vésperas da abolição definitiva do cativo, onde predominou um processo muito menos gradual de abolição da escravidão, mostra-se essencial para o entendimento desta especificidade.

Metodologicamente, cada conjunto de entrevistas, pela relativa homogeneidade sócio-econômica e regional dos depoentes entrevistados, bem como pela homogeneidade do roteiro seguido pelos entrevistadores e dos objetivos do projeto em que as entrevistas se inseriam, guardam uma unidade própria, constituindo um conjunto orgânico de etnotextos, portador cada um de uma estrutura narrativa específica.

As entrevistas de Ana Maria Rios com camponeses negros de antigas áreas cafeeiras do Rio de Janeiro e de Minas Gerais seguem um roteiro basicamente genealógico. Deste modo, a memória do cativo só aparece nestes depoimentos quando referida diretamente à história familiar. A estrutura da narrativa é descontínua, entrecortada por intervenções da entrevistadora (sempre no sentido de precisar as relações de parentesco e as relações de trabalho de cada um dos membros da família) e tem nas relações de parentesco seu fio condutor. As intervenções da entrevistadora por vezes interrompem determinados fluxos narrativos, mas muito raramente sugerem, induzem ou influenciam diretamente os entrevistados.

Dez mulheres e quatro homens foram entrevistados e tiveram seus depoimentos transcritos e depositados no LABHOI-UFF. Trata-se, portanto, de um acervo onde predomina a presença feminina que, segundo a pesquisadora, eram quase sempre as portadoras da memória genealógica da família. Segundo Ana Maria Rios, a memória genealógica se mostraria

⁶ Este ponto foi colocado especialmente em relevo em artigo de Katia Mattoso sobre a memória do cativo no Brasil. Cf. Katia de Queiros Mattoso. "Au Brésil: cent ans de memoire de lésclavage". Cahiers des Amériques Latines, n. 17, pp. 65-84.

⁷ Cf. Philippe Joutard. "Un Projet Regional de Recherche sur les Ethnotextes". Anales, ESC, Paris 35 (1), jan. fev. 1980, pp 176-182, Jean Claude Bouvier et allii. La recherche sur les Ethnotextes: reflexions pour un programme. Actes de la table-ronde tenue à la Baume-les-Aix, octobre 1980, Paris, 1984; Florence Charpigny. "Processing oral material in a scientific text, or a travel to Silk-land through a body of ethnotexts collected among silk workers" in International Annual of Oral History, 1990, Subjectivity and multiculturalism in oral history, New York, Westport, 1992.

mas curta e menos detalhada nos depoimentos masculinos. Cada um dos entrevistados, entretanto, devido ao tipo de roteiro adotado, fornecia informações sobre dezenas de outros familiares, ascendentes, colaterais e descendentes. Foram contactados por serem identificados pela pesquisadora como camponeses negros nas antigas áreas cafeeiras do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, onde se concentravam a maioria dos escravos nas décadas que precederam à abolição definitiva do cativeiro.

Para efeito deste *paper*, interessa-me especialmente ressaltar a referência ao pai das/dos depoentes, como chefes da família enquanto unidade de produção e consumo (9 parceiros/trabalhadores por empreitada, 5 pequenos proprietários de terra) em todos os casos considerados e às mesmas proporções de referências genealógicas aos avós paternos e maternos (referências presentes em 10 das 14 entrevistas e que parecem ter sido determinadas pela coabitação mesmo que temporária dos pais em terras dos avós, ex-escravos em sua maioria). O acesso à propriedade da terra é uma realidade restrita nesta área, mas de qualquer forma mais acessível as gerações que remontam ao “tempo do cativeiro” do que à geração dos depoentes (nascida nas primeiras décadas deste século), marcada pela proletarização e experiência de migração (sua ou de seus irmãos e primos) para os centros urbanos. A exceção de duas entrevistas com membros de comunidades rurais camponesas que referenciam seus direitos à terra à uma memória da abolição da escravidão (na qual o senhor teria doado a fazenda para os escravos em conjunto), e que se definem e são definidas como comunidades “negras” (as chamadas “terra de preto”⁸), nas demais entrevistas as referências a uma identidade étnica ou racial são bastante superficiais ou inexistentes e a memória do cativeiro só emerge em função da genealogia familiar, não ultrapassando a terceira geração, especialmente em casos em que houve coabitação. Uma memória étnica e genealógica curta, uma experiência de extrema mobilidade associada ao trabalho familiar e à valorização da autonomia, configurando uma identidade camponesa mesmo nos casos de maior instabilidade do acesso à terra, tornam o conjunto de etnotextos produzido por Ana Rios paradoxalmente semelhante ao de uma outra pesquisa genealógica com depoimento orais no Rio de Janeiro, com camponeses descendentes de colonos... suíços (!) em Lumiar, Nova Friburgo⁹. O fato de que descendentes de africanos já eram maioria na região antes da abolição do cativeiro e que a imigração européia tenha permanecido sempre minoritária no estado não é indiferente para a explicação destes resultados. Ambos conjuntos de entrevistas reforçam hipótese que eu havia desenvolvido em trabalho anterior sobre o papel da não identificação étnica ou racial e de uma

⁸ Sobre as terras de preto, cf., entre outros, Ana Maria Lugão Rios. “Minha mãe era escrava eu não” Relatório apresentado ao Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, 1995 (mimeo); Mari de Nazaré Baiocchi. Negros de cedro: um estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás, SP, Ática, 1983; Maria de Lourdes Bandeira. Território negro em espaço branco. SP, Brasiliense, 1988; Nubia Gomes et alii. Mundo Encaixado. Significação da Cultura Popular. Juiz de Fora, Mazza Edições, 1992.

⁹ Cf Patrícia da Silva Ribeiro. “Os registros da Memória entre os colonos da região de Nova Friburgo”. Monografia apresentada ao departamento de História da Universidade federal Fluminense para a Obtenção do Grau de Bacharel em História. Niterói, 1996.

identidade camponesa como signo de liberdade para a população livre da região nas últimas décadas do cativeiro¹⁰.

Se os papéis de gênero e de classe tenderam a predominar nas narrativas fluminenses, as diferenciações étnicas se mostraram mais significativas nos demais conjuntos de entrevistas, realizadas em áreas onde os descendentes de africanos eram minoria fora da população escrava e nas quais a imigração européia constituiu o principal vetor de crescimento populacional em finais do século XIX e na primeira metade deste século. Pretos, caboclos, italianos, alemães, turcos são categorias carregadas de sentidos e organizadoras dos grupos sociais em contato naquelas áreas. Para além disto, o contexto de cada projeto constitui o principal vetor a determinar a configuração mais geral do conjunto de etnotextos produzido em cada caso.

No caso do Espírito Santo, sete mulheres e oito homens tiveram suas entrevistas depositadas no LABHOI. Onze dos entrevistados são filhos de pequenos proprietários de terra. Entre os que apresentam uma memória familiar da experiência do cativeiro (10 netos de escravos), 80% são filhos de pequenos proprietários de terra. A figura paterna está presente com papel central no comando moral e econômico da unidade familiar em todas as entrevistas. Como no caso das entrevistas de Ana Lugão Rios predomina, entretanto, uma memória genealógica curta no conjunto analisado. A memória familiar do cativeiro e dos avós existe quando houve explicitamente coabitação entre neto/neta e avô/avó. Diferentemente, entretanto, do caso fluminense, estas entrevistas são realizadas em uma área de expansão da fronteira cafeeira a época da abolição do cativeiro, onde predominou a pequena e a média propriedades e que se apresenta atualmente fortemente definida por vetores étnicos (nos desfiles da prefeitura municipal as tradições africanas, especialmente danças folclóricas como o caxambu, hoje se apresentam ao lado das tradições italianas e de outras colônias de imigrantes da região).

O roteiro desenvolvido por Robson Martins pressupunha uma menor intervenção do entrevistador, tematicamente concentrado na memória do cativeiro e na experiência de infância dos entrevistados nos anos que se seguiram à abolição da escravidão. Os etnotextos produzidos apresentam narrativas ricas em representações sobre o “tempo do cativeiro” e em histórias familiares de sucesso camponês (histórias quase sempre masculinas de ex-escravos que se tornaram parceiros e depois, através de compra, pequenos proprietários de terra e produtores de café na região).

O projeto paulista, desenvolvido pela USP à época do centenário da abolição da escravidão, apresenta um escopo bem mais amplo do que aquele que pode ser alcançado por pesquisadores individuais. Trabalho de equipe coordenado por Maria de Lourdes Janoti, as entrevistas com as 44 famílias negras contactadas renderam mais de 4000 páginas de transcrição.

Nas 32 entrevistas selecionadas para esta pesquisa predominam os depoentes homens (19). Os roteiros eram bastante abertos. Pedia-se simplesmente ao depoente para narrar sua história de vida, bem como para contar as narrativas sobre o tempo do cativeiro que

¹⁰ Cf. CASTRO, Hebe Maria Mattos de. *Das Cores do Silêncio. Significados da Liberdade no Sudeste Escravista. Brasil, século XIX*. Rio de Janeiro, Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, 1995.

porventura tivesse ouvido em sua família. Além desta orientação mais geral, o depoente era instado a dar sua opinião sobre as comemorações dos 100 anos da abolição, bem como a se manifestar em relação à questão do preconceito e da discriminação racial. Quase a metade dos depoentes (14) se apresentaram como filhos de pequenos proprietários de terra.

A configuração mais geral que a leitura conjunta destas 32 entrevistas produz é bem mais diversificada que os conjuntos anteriores, seja pela diversidade dos entrevistadores, seja pela abertura do roteiro. As mulheres entrevistadas experimentaram quase todas o trabalho como empregada doméstica. Nestes casos era bem mais presente uma memória da discriminação racial, diretamente ligada a uma situação de subordinação social, em geral negada pelos depoentes homens. Apesar disto, as linhas identitárias separando no mundo rural pretos, caboclos e italianos são constantemente acionadas nas narrativas masculinas, seja para enfatizar o preconceito ou a colaboração (são muito comuns as reclamações quanto aos “caboclos” e os relatos de amizade e colaboração com os “italianos”). Alguns dos aspectos mais relevantes do ponto de possibilidades de análises destes etnotextos para uma história cultural foram desenvolvidos nos trabalhos acadêmicos e publicações resultantes do projeto.¹¹

Para trabalhar com as 32 entrevistas com descendente de escravos editadas por Dalla Vechia foi imperioso ter em mente que as mesmas foram realizadas com o firme propósito de constituir uma memória da violência do cativo no Meridiano Gaúcho. "O que seus pais e avós contavam de como eram tratados os escravos nos tempos da escravidão?" resumia o eixo a partir do qual se definia a intervenção do entrevistador - bastante incisiva em todas as entrevistas publicadas.

Em história oral, perguntas genéricas resultam em respostas também genéricas. Em função disto, a configuração mais geral que emerge das entrevistas editadas por Dalla Vechia reproduz em seu conjunto um determinado sentido genérico de alienação absoluta de direitos e de degradação extrema da condição humana atribuído à escravidão, mas onde a identidade social e étnica dos depoentes, claramente não se constrói sobre este sentido genérico, mas na possibilidade prática e efetiva de sua negação que, de um modo geral, o entrevistador não valoriza.

É o que cada um dos depoimentos de Dalla Vechia nos permite reconstituir quando deixa entrever, mesmo que em rápidas pistas, algo sobre as experiências particulares das famílias dos entrevistados. Trechos, como o transcrito abaixo, referente à entrevista de Raul de Souza nascido em 1897, Piratini, RGS, não são incomuns no material publicado:

"ENTREVISTADOR: (...) Quantos filhos o senhor teve?"

RAUL: 8 filho 9, mas perdi ... 9 filho ... Eu perdi Marine, Tailor, Nei, perdi 3 filhos há muito tempo.

... ENTREVISTADOR - Tá bom. O senhor teve pai ou mãe que foram escravos?"

¹¹Cf, entre outros, Claudia Regina Callari. *Identidade e Cultura Popular: histórias de vida de famílias negras. Dissertação de mestrado em História.* USP, 1993; Maria de Lourdes Janotti and Zita de Paula Rosa. "Memory of Slavery in Black Families of São Paulo, Brazil" IN: Daniel Bertaux and Paul Thompson (editors). *Between Generations. Family Models, Myths, and Memories.* Oxford University Press, 1993.

RAUL - Não foram escravos. Minha mãe nasceu no Ventre Livre.

ENTREVISTADOR - E o pai?

RAUL - O Pai morreu no Uruguai. Nessa época, antes de eu vi pra cá, ele morreu lá. Nós morava aqui e a minha mãe foi com o padrinho dela pruma estância, cuidá uma estância dum irmão dele. Ela foi e o meu pai foi de peão. Depois eles namoraram.

ENTREVISTADOR - (...) como é que eram tratados os escravos naquela época? Sua mãe deve ter lhe contado.

RAUL - Sim contava. Tinha patrões como esse que era dela, Marcilino, o velho que mataram assassinado, Claudino Marcelino de Souza, mataram ele a facada, a punhalada. Ela vivia com ele desde pequenininha. A mãe dela é que era escrava. Amália, se chamava.

ENTREVISTADOR - E o que ela contava assim do modo como eram tratados os escravos? "

Claramente, as experiências concretas de Amália e seu senhor Claudino ou o namoro dos pais do depoente interessavam pouco ao entrevistador. As perguntas que se repetem na maioria das entrevistas já pressupõem um resposta e podem se resumir a um pequeno elenco: "Os escravos chegavam a apanhar?" "Eles era amarrados?" "E quando o escravo apanhava?" "O escravo trabalhava quantas horas por dia?" "Eles trabalhavam a partir de que hora?" "Alguns escravos chegavam a se matar por causa de sua situação?" "E alguns dos escravos tentaram matar o senhor? Alguns escravos se rebelavam?" "E os patrões não castigavam a negra que engravidasse?" "E de onde vinham os escravos?" "Então não tinha família do escravo. Não podia casá, se juntá, nem nada?"

Apesar desta orientação, o material publicado contém alguns relatos raros, especialmente sobre o tema da violência e de seu papel central na significação atribuída à noção de escravidão e cativo pelos depoentes, constituindo etnotextos especialmente ricos, produtos de um quase confronto entre entrevistados e entrevistador.

Do ponto de vista da situação social vivida na infância pelos entrevistados também neste conjunto predomina o trabalho familiar, com uma forte figura paterna seja na posição de agregado (12) ou, em menor escala, de pequeno proprietário (8). Em seis casos, a morte precoce da mãe determinou que os filhos fossem "dados" para famílias da região, na maioria dos casos para importantes famílias de estancieiros que usavam do trabalho gratuito destes "filhos de criação". Este tipo de arranjo emerge das narrativas como prática corriqueira e bastante comum na região, o que é especialmente enfatizado pelo entrevistador no volume analítico que precede as transcrições¹². Se bem que o autor não chegue a convincentemente determinar se esta era uma situação exclusiva aos órfãos negros.

Também para este conjunto de depoimentos, as divisões identitárias, étnicas ou raciais são bastante nítidas e operacionais para as narrativas, sendo utilizadas até mesmo para definir os padrões de organização dos bailes na região. O mesmo tipo de referência aparece registrada

¹² Cf. VECCHIA, Agostinho Mario Dalla Vecchia. Os filhos da Escravidão. Memórias de descendentes de escravos da região meridional do Rio Grande do Sul. Pelotas, Editora Universitária UFPEL, 1993. Volume 1.

em algumas narrativas do Espírito Santo e de São Paulo. A proibição de entrada de negros nos bailes de elite era quase que generalizada no Brasil da primeira metade deste século. A segregação nos bailes populares era bem menos comum e só se fazia possível naquelas áreas onde as linhas de diferenciação étnica ou racial eram mais nítidas em função da imigração européia recente e da situação minoritária da população de origem africana.

Uma outra tendência ou configuração geral emerge, entretanto, quando se considera em conjunto as 66 entrevistas com portadores de uma memória familiar do cativo, no conjunto de etnotextos considerados. As semelhanças narrativas encontradas em etnotextos produzidos no contexto de projetos tão diferenciados, assumem necessariamente especial relevância do ponto de vista histórico e social. Ouso explorar aqui uma primeira hipótese em relação a estas “coincidências narrativas”, a ser desenvolvida posteriormente em um tratamento mais detalhado e qualitativo do material.

De forma geral, neste novo conjunto de 66 etnotextos destacam-se como elementos estruturais do conjunto formado:

1) A construção de uma noção comum de periodização histórica a partir da noção de “tempo do cativo”¹³.

A expressão tempo do cativo aparece em todos os conjuntos analisados. Em todos os conjuntos, os entrevistados nunca se utilizam espontaneamente da palavra “escravo” ou “escravidão”, dando preferência aos termos “cativo” e “cativo”. Em todos os conjuntos, também, os depoentes parecem utilizar a noção de “tempo do cativo” como referência mais geral de periodização. Os conteúdos deste “tempo do cativo” aparecem por vezes informados por induções dos entrevistadores, pela experiência escolar e também pela televisão (A época das entrevistas gaúchas, a TV Globo mostrava uma novela de época passada no Rio de Janeiro oitocentista. Em mais de um caso a “memória da escravidão no meridão gaúcho” citou o trabalho escravo nos cafezais (?!), quando não se referiu diretamente à novela em resposta às perguntas do entrevistador. Nas entrevistas paulistas, as referências ao seriado para televisão RAÍZES (Roots), exibidos no Brasil naquele ano, são também frequentes). Há porém alguns elementos comuns às narrativas que não têm facilmente sua origem referenciada a qualquer destes veículos: um sentido de extrema degradação e animalização, associado a determinadas situações paradigmáticas na definição dos significados genéricos da escravidão: a preferência pelos negros de canela fina no ato da compra, o ato de comer na gamela coletiva como os animais, as narrativas de requintes de crueldade nas práticas de tortura associadas a uma “memória do feitiço”¹⁴, ou seja a uma punição do torturador por meio de poderes mágicos (a morte dos filhos nos casos das sinhás ciumentas, suicídios, doenças incuráveis, perda total da colheita, incêndios, etc).

¹³Um primeiro tratamento desta coincidência narrativa foi realizado por Karina Baptista, bolsista de iniciação científica do LABHOI, em sua monografia de bacharelado “O Diálogo dos Tempos: memória, história e identidade social nos depoimentos orais de descendentes de escravos brasileiros”. Monografia de Bacharelado, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1996.

¹⁴Cf Robson Martins. “Memória do Feitiço”. Relatório apresentado ao Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, 1995 (mimeo);

2) Uma identidade camponesa na qual a figura paterna emerge como controladora econômica e moral do trabalho familiar.

Àquele sentido geral atribuído aos tempos do cativo se superpõe, via de regra, uma narrativa excepcional da trajetória familiar. Os pais ou avós dos narradores nunca compartilham, por razões variadas, daquelas condições atribuídas de maneira genérica ao tempo do cativo. Tendo em vista a ênfase que a historiografia e a literatura antropológica tem dado ao papel da mulher, seja na família escrava, seja nas famílias “negras” nas favelas e bairros populares das zonas urbanas de uma maneira geral, o papel desta estrutura patriarcal no campesinato negro do centro-sul, quase diretamente formado pelos últimos cativos libertos pela lei áurea em 13 de maio de 1888, propõe elementos para uma reavaliação tanto da literatura sobre família e relações de gênero nas comunidades escravas, quanto da experiência das comunidades negras nas cidades do centro-sul no processo de migração rural-urbano que caracterizou a história social da região durante este século¹⁵. Na verdade, as relações de gênero tem funcionado com a mais promissora das chaves de leitura dos depoimentos aqui trabalhados, definindo frequentemente aquela excepcionalidade que funda, em cada caso, a identidade familiar

O trabalho com este novo conjunto de etnotextos propõe, porém, além de problemas teóricos e metodológicos, dilemas éticos, pois para ser levado a cabo implica em avaliar e analisar criticamente uma relação pessoal (entrevistador/entrevistado) desenvolvida no âmbito de um projeto acadêmico. Este *paper* foi escrito especialmente com a intenção de mostrar que esta reutilização de arquivos orais é possível e que se pode trabalhar proveitosa e eticamente este tipo de fonte, mesmo quando se tem uma visão metodologicamente crítica da forma pela qual aquela fonte oral foi originalmente produzida.

Para concluir, proponho-me a analisar um pequeno trecho das entrevistas editadas por Dalla Vecchia que ilustra este e alguns outros pontos propostos neste trabalho.

“ENTREVISTADOR: Senhor Tibúrcio? Eu estaria interessado em escutar se seu pai, sua mãe, sua gente, lhe contou alguma coisa do tempo da escravidão? Como é que eram tratados, os negros?”

TIBÚRCIO - Os negros?! ... Tinha escravatura boa e tinha a ruim! O negro ruim, aqueles que comia carniça, eles botavo a panela no fogo. Dentro de casa: no tempo que penduravo as panelas num gancho, aquela de três pernas. E botavo um negro prá cuidá aquela panela, fazê fogo. Botavo vinho e temperavo. Botavo carne. E deixava o negro. E

¹⁵ Ao publicar artigo baseado em uma análise geral das entrevistas paulistas, Maria de Lourdes Janotti (op. cit.) pôs em relevo, especialmente, as relações de gênero. Concentrou-se numa narrativa padrão, quase um mito de origem familiar comum a mais de uma das famílias entrevistadas, que se referia à uma jovem escrava que, cobiçada pelo senhor, o recusava e, como castigo, era obrigada a se casar com um velho africano. Pode-se fazer várias leituras do significado desta narrativa. O fato de que trabalhos recentes sobre o parentesco escravo (Florentino/Goes, 1995) estejam apresentando este tipo de arranjo como “padrão” (casamento de africanos mais velhos com jovens crioulas), sinalizando para a reprodução de uma hierarquia de idade entre os escravos homens, comum às sociedades africanas, pode descortinar novos sentidos para estas narrativas, quase sempre femininas..

contavo a carne. O negro ruim, aquela carne, a hora que iam servi, contavo os pedaços. A escravidura sofreu muito, só em vê contá. Se não tivesse aqueles pedaço de carne, que tivesse tirado tudo numa bitola só - E se não achasse aquela carne, aquela quantia que tinham botado, aquele escravo não comia. Ele tomava era pau! Não comia nada ele tomava era pau! Bueno, por isso aí um verso:

*"Se arretira senhor colete
com ordem do meu porrete
te arretira senhor caldo
com ordem do meu fincão! [...]"*

TIBÚRCIO - E vai, meu pai me dizendo que os escravos, não podiam se misturá os bons com os ruim. Que aqueles que eram ruim, não queriam os outros bem! Por que eles comiam porcaria, sujeira, carniça. A pau! E o meu pai não! Era comida."

O trecho transcrito admite análises diversas, da construção da narrativa oral (e há de se elogiar a transcrição em seu poder de remeter a esta dimensão da oralidade) até as visões de cativo e das relações entre os cativos que a narrativa informa. Narrativa que, sem muitas dúvidas, deve ser creditada - na origem - ao pai do narrador que se assumia como ex-escravo.

Na verdade, toda a riqueza de detalhes da narrativa apresenta-se quase impenetrável a um leitor distante física e culturalmente do informante. Aparece, entretanto, de forma bastante clara o enredo central da história narrada na transcrição de Dalla Vechia, da qual transcrevemos, acima, apenas alguns trechos. Trata-se de uma versão pessoal de um conto popular¹⁶: um escravo "ruim" (quer dizer sujeito a maus tratos e pouca comida) era responsável por tomar conta da panela de comida e por evitar que qualquer pedaço de carne fosse roubado dela, o que sistematicamente não conseguia - sendo por isto sistematicamente surrado. Escondido, descobre finalmente o ladrão, um escravo de outra propriedade. Ao descobrir o responsável por seus infortúnios, este escravo "ruim" não hesita em matar o ladrão de carne. Pelo assassinato é sumariamente condenado a morte pelo senhor e degolado a mando deste por outros escravos da propriedade.

Todo o depoimento do qual foi retirado este trecho tem um tom "delirante" que foge ao controle do entrevistador - mais preocupado com informações objetivas sobre onde os escravos eram surrados, que roupas usavam ou o que comiam (informações que dificilmente estariam disponíveis "objetivamente" numa terceira geração de descendentes de ex-escravos).

Neste depoimento, em particular, reiteram-se alguns dos significados mais comumente associados ao cativo - especialmente a idéia de promiscuidade sexual e de aproximação com a noção de "rebanho animal" contida na idéia de um escravo "reprodutor", papel que teria sido exercido pelo pai de Seu Tibúrcio e por outros "negros de canela fina". Os de "canela grossa" estariam condenados ao porrete. Em determinado momento, entretanto, o mesmo Tibúrcio afirma que sua mãe "já era brasileira", aparentemente presumindo que o interlocutor entendia que isto determinava alguma importante diferença.

¹⁶Agradeço a Idelette Muzart Fonseca dos Santos (Université de Paris X, especialista em Literatura Oral no Brasil) a informação de que a narrativa de Tibúrcio se constituía numa variante de um conto popular.

Aliás as "diferenças" entre escravos "Bons" e "Ruins", "Negras" e "Brasileiras", atribuídas a um discurso de seu pai sobre o cativo, e uma certa associação, desta feita de Tibúrcio, entre o tempo do cativo e as técnicas de "recrutamento" prevalentes durante as muitas conflagrações armadas entre as oligarquias locais que marcaram, no sul do país, as décadas que se seguiram a abolição da escravidão, parece-me a chave de leitura que empresta significados históricos e sociais ao "delírio" de Seu Tibúrcio.

Fundamental nisto tudo é a percepção de que ele, Tibúrcio, era o filho de um escravo "bom" com uma "brasileira". Esta era a base de construção da auto estima e da identidade étnica e social do depoente - que, apesar de reconhecer seu elo genealógico com a escravidão e de identificá-la pelos seus significados mais gerais (violência, promiscuidade, animalização, coisificação) - de resto reforçados, quando não sugeridos, pelo entrevistador-, individualizava sua experiência familiar, recusando a vitimização como solo de construção de sua identidade pessoal.

Como busquei mostrar nos resumos de depoimento que iniciam este *paper*, este tem se mostrado um padrão recorrente de construção de identidade étnica, de gênero e de classe nos depoimentos produzidos por pesquisadores diversos, em bases metodológicas também diversas, com informantes que se identificam como descendentes de escravos. Deste modo, desde que submetidos a tratamentos metodológicos que levem em conta, prioritariamente, a relação pesquisador/informante que os produziu, estes acervos são potencialmente capazes de informar sobre a experiência de inserção social do liberto após a abolição, sobre a percepção dos cativos sobre as últimas décadas do cativo transformada em tradição oral em suas famílias, e também, sobre os processos históricos de construção de identidade étnica no Brasil rural, em relação com os significados atribuídos à memória do cativo após a emancipação.

Padrões como o enfatizado neste texto, superposto e confrontado com outros modelos discursivos de construção de identidade e de delimitação de fronteiras étnicas e sociais, permitirão avançar consideravelmente numa -ainda rara- abordagem histórica sobre o tema nas décadas que se seguiram a emancipação.

Bibliografia

- BAIOCCHI, Mari de Nasaré. Negros de Cedro: um estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás. S.P., Atica, 1983.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. Território Negro em Espaço Branco. SP, Brasiliense, 1988.
- BAPTISTA, Karina da Cunha. "O Diálogo dos Tempos: memória, história e identidade social nos depoimentos orais de descendentes de escravos brasileiros". Monografia de Bacharelado, Departamento de História, Universidade federal Fluminense, Niterói, 1996
- BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo. EDUSP, 1987.
- BOUVIER, Jean Claude et alii. La recherche sur les Ethnotextes: reflexions pour un programme. Actes de la table-ronde tenue à la Baume-les-Aix, octobre 1980, Paris, 1984
- CALLARI, Claudia Regina. Identidade e Cultura Popular: Histórias de vida de famílias negras. Dissertação de mestrado em História. USP, 1993.
- CASTRO, Hebe Maria Mattos de. A Cor Inexistente. Osignificados da Liberdade no Sudeste Escravista. Brasil - seculo XIX. Tese de Doutorado em História. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1994.
- CHARPIGNY, Florence. "Processing oral material in a scientific text, or a travel to Silk-land through a body of ethnotexts collected among silk workers" in International Annual of Oral History, 1990, Subjectivity and multiculturalism in oral history, New York, Westport, 1992.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. "História Oral. O inventário das diferenças" in Entre-vistas: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro, FGV, 1994..
- FERREIRA / AMADO, Marieta de Moraes e Janaína (org). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, FGV Ed., 1996
- FIELDS, Barbara J. "Slavery, Race and Ideology in United States of America". New Left Review, 181, May/June 1990, pp. 95-118.
- FLORENTINO, Manolo/ GOES, José Roberto."Parentesco Família entre os escravos de Vallim" IN: CASTRO/SCHNOOR (org). Resgate: uma janela para o oitocentos. Rio de Janeiro, Top Books, 1995.
- FRY, Peter. "O que a Cinderela negra tem a dizer sobre a 'política racial' no Brasil". Revista USP 28 (dez-fev 1995/96)
- GOMES, Nubia M et. alii. Mundo Encaixado. Significação da Cultura Popular. Juiz de Fora, Mazza Edições, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. SP, Vértice, 1990.
- HASENBALG, Carlos A. Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil. RJ, GRAAL, 1979.
- JANOTTI / ROSA, Maria de Lourdes and Zita de Paula . "Memory of Slavery in Black Families of São Paulo, Brazil" IN: Daniel Bertaux and Paul Thompson (editors). Between Generations. Family Models, Myths, and Memories. Oxford University Press, 1993.
- JOUTARD, Philippe. "Un Projet Regional de Recherche sur les Ethnotextes". Anales, ESC. Paris 35 (1), jan. fev. 1980, pp 176-182
- LEVI, Giovanni. "Sobre a Micro-História" em BURKE, P. (org). A Escrita da História: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. SP, UNESP, 1992, pp. 133-162.
- LOVISOLO, Hugo. "A memória e a formação dos homens", Estudos Históricos, RJ, 1989, vol. 2, n.3, p. 3-15.
- MAGGIE, Yvonne. "'Aqueles a Quem foi Negada a Cor do Dia': As Categorias Cor e Raça na Cultura Brasileira". IN: MAIO/SANTOS (org). Raça, Ciência e Sociedade. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 1996;
- MARTINS, Robson. "Memória do Feitiço". Relatório apresentado ao Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, 1995 (mimeo)
- MATTOSO, Katia de Queiros. "Au Brésil: cent ans de memoire de lésclavage". Cahiers des Amériques Latines, n. 17, pp. 65-84.

- MONTEIRO, Anita Maria de Queiroz. Castainho: etnografia de um bairro rural de negros. Recife, Instituto Joaquim Nabuco, 1985.
- MONTEIRO, Tania Penido. "La voix d'Ítapaúã: images du passé et vision du changement. Ethnotextes d'un réseau de culture populaire dans l'Etat de Bahia, Brésil". Thèse de Doctorat d'Histoire (nouveau régime) sous la Direction de M. le Professeur Philippe Joutard. Université de Provence Aix-Marseille I, mars 1993.
- PETRUCCELLI, José Luis. Brésil, Reproducion de la Populacion, Structure Sociale et Métissage dans deux municipios de l'Etat de Rio de Janeiro. These de Doctorat (Nouveau Régime) en Démographie et Sciences Sociales, Paris, EHES, 1993.
- POLLACK, Michael. "Memória e Identidade Social", Estudos Históricos, RJ, 1992, vol. 5, n.10, p.200-215.
- PRINS, Gwyn. "História Oral" em BURKE, P. (org.). Op. Cit.
- QUEIROZ, Renato da Silva. Caipiras Negros no Vale do Ribeira: um estudo de antropologia econômica. SP, FFLCH, 1983.
- RIBEIRO, Patrícia da Silva. "Os registros da Memória entre os colonos da região de Nova Friburgo". Monografia apresentada ao departamento de História da Universidade federal Fluminense para a Obtenção do Grau de Bacharel em História. Niterói, 1996.
- RIOS, Ana Maria Lugão. "Minha mãe era escrava eu não" Relatório apresentado ao Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, 1995 (mimeo);
- SCOTT, R.J. "Exploring the meaning of freedom: postmanicipation societies in comparative perspective" em SCOTT, R. et alii. The Abolition of Slavery and the Aftermath of Emancipation in Brazil. Durham/London, Duke University Press, 1988, pp. 1-22.
- SHERIFF, Robin E.. "“Negro é um apelido que os brancos deram aos pretos”: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca", IFSS/UFRJ, 1995 (mimeo);
- SOARES, Luis E. Campesinato: Ideologia e Política. RJ, Zahar, 1981.
- THOMPSON, E. P. Tradicion, Revuelta e Consciencia de Clase: Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Barcelona, Editorial Critica, 1979.
- THOMPSON, Paul. A Voz do Passado. História Oral. SP, Paz e Terra, 1991.
- VECCHIA, Agostinho Mario Dalla Vecchia. Os filhos da Escravidão. Memórias de descendentes de escravos da região meridional do Rio Grande do Sul. Pelotas, Editora Universitária UFPEL, 1993.
- VELHO, Gilberto. "Memória, identidade e projeto". Revista Tempo Brasileiro. 1988, n.85, out-dez, p. 119-126.